**Introdução**

Quando Judas tomou consciência de que seu ato impulsivo de entregar Jesus havia resultado na condenação do Mestre, ele retornou aos sumos sacerdotes e anciãos para devolver-lhes as trinta moedas e tentar desfazer o acordo. No entanto, recebeu deles apenas palavras de indiferença e condenação. Naquele momento Judas admitia sua culpa e afirmava a inocência de Jesus. Mas ainda assim não recebeu mais do que palavras de indiferença e condenação.

Tomando como exemplo a dura realidade confrontada pelo infeliz discípulo, Emmanuel vem nos dizer que a palavra quando é utilizada para manifestar a maldade dos homens, converte-se em instrumento de crueldade para todos aqueles cujos ouvidos ela alcança.

Emmanuel também nos diz que, na maioria das vezes, as grandes transgressões das Leis Divinas cometidas pelo homem comum envolvem dois agentes: de um lado está aquele que aceita ser o executor da ação, a quem Emmanuel atribui a irresponsabilidade; do outro encontram-se aqueles que incentivam e cooperam, direta ou indiretamente, com a consumação do fato, a quem Emmanuel atribui a perversidade.

O próprio Jesus, no evangelho de Mateus 12:34, já havia dito que a boca fala daquilo que o coração está cheio. Então, se a nossa palavra é cruel ou maldosa, é porque no coração nós ainda trazemos crueldade ou maldade. E se fizermos uso dessa palavra envenenada, nós podemos nos tornar cooperadores na concepção ou no incentivo de delitos cometidos por outras pessoas.

**Desenvolvimento**

Mas as advertências de Emmanuel não se restringem apenas às palavras que falamos; elas aplicam-se também às palavras que ouvimos. Ele diz que se nos tornarmos invigilantes, emprestando nossos ouvidos aos maus conselhos e às influências negativas, mais cedo ou mais tarde ficaremos entregues a nós mesmos e teremos que admitir que essa solidão será a consequência de nossa própria imprevidência.

E por qual razão a pessoa que cede às sugestões inferiores padece de solidão? Segundo Emmanuel, é porque as vitórias alcançadas por quem age no bem são sempre acompanhadas de multidões que desejam usufruir dessas conquistas. No entanto, se aqueles que hoje são vencedores, amanhã vierem a experimentar derrotas, dificilmente encontrarão ao seu lado alguém disposto a dividir com eles o gosto amargo da queda. Muitos de nós já passamos por situações assim. Nos bons momentos de nossas vidas geralmente há muita gente à nossa volta. Mas quando cometemos algum erro um pouco mais grave – e esses erros fazem parte do nosso processo de aprendizagem - são muito poucos os que permanecem ao nosso lado.

Muitas vezes, além de faltar alguém para nos estender uma mão amiga e nos colocar de pé, sobram pessoas dispostas a nos criticar e condenar, ainda que essas mesmas pessoas nos tenham induzido ao erro. É por isso que Emmanuel afirma que quanto mais nós nos conscientizamos dessa realidade, mais rigorosa passa a ser nossa vigilância quanto às coisas que nos são ditas e aconselhadas.

Seguimos na lição e Emmanuel vem nos dizer que a queda de Judas repete-se diariamente com a grande maioria dos homens, embora em situações diferentes. Nós ouvimos isso e nos perguntamos: “Será que o Emmanuel não está sendo rigoroso demais conosco? Tudo bem que temos nossos defeitos, cometemos nossas faltas... Mas, daí a nos comparar com Judas? Afinal de contas, o erro dele não foi muito maior que os nossos?”. Vamos analisar um pouco melhor essa questão.

Judas Iscariotes é provavelmente o personagem mais incompreendido e mais injustiçado em toda a história do Cristianismo. Uma maioria esmagadora da humanidade restringe toda a vida de Judas a um único ato: a traição de Jesus. Entretanto, nós nos esquecemos de que Judas era um homem bom. Se assim não fosse, Jesus não o teria escolhido para ser um dos seus discípulos.

Judas vivia um terrível conflito interior porque desejava profundamente ver o seu povo livre do domínio do Império Romano. Ele tinha de fato ânsia de possuir ouro e poder mas esse desejo não era para satisfazer o orgulho pessoal: o que ele queria era promover a igualdade e a justiça. Por vezes, Jesus advertiu Judas de que, mesmo que ele possuísse toda a riqueza e todo o poder do mundo, não seria possível acabar com a injustiça e a desigualdade porque esses desequilíbrios são consequências de nossas imperfeições. Infelizmente o discípulo não entendeu essa advertência e movido pelo desejo de implantar de imediato o Reino de Jesus na Terra, acabou por trair o próprio Mestre.

Na obra “Crônicas de Além Túmulo” ditada pelo Espírito Humberto de Campos à Francisco Cândido Xavier, no capítulo 5 intitulado “Judas Iscariotes” encontramos um diálogo entre Humberto de Campos e Judas. Num dos dias em que se celebra a Paixão de Cristo, época na qual Judas costuma visitar a Terra, Humberto de Campos o encontra sentado sob uma pedra às margens do rio Jordão e inicia com ele um diálogo. Judas, bastante entristecido, conta que os evangelhos não mencionam que acima de seus próprios atos havia uma guerra entre o Sinédrio, que desejava conquistar o Reino dos Céus a ferro e fogo e o Império Romano, que desejava conquistar o reino da terra. Ele, no entanto, admite que por colocar a política acima dos corações entregou o Mestre e que por isso padeceu de terríveis remorsos que culminaram com seu suicídio. Sofreu por séculos a fio nas zonas inferiores mas na Europa do século XV, traído, vendido e usurpado, assim como o próprio Jesus, finalmente resgatou sua dívida entregando sua vida na fogueira da inquisição.

Diga-se de passagem, essas palavras praticamente confirmam que Joana D’Arc foi, de fato, Judas em sua última encarnação na Terra. Existe um livro que aborda esse assunto no qual o autor destaca semelhanças muito próprias entre as vidas de Judas e Joana D’Arc. O livro chama-se “Judas Iscariotes e sua Reencarnação como Joana D’Arc” e o autor é José Fuzeira. É um estudo que foi desenvolvido com a aprovação do Emmanuel. Vale realmente a pena ler.

Retornando ao diálogo iniciado por Humberto de Campos, quando questionado sobre a recordação dos dias ao tempo de Jesus, Judas diz o seguinte:

“- Em todas as homenagens a Ele prestadas, eu sou sempre a figura repugnante do traidor... Olho complacentemente os que me acusam sem refletir se podem atirar a primeira pedra... Sobre o meu nome pesa a maldição milenária, como sobre estes sítios cheios de miséria e de infortúnio. Pessoalmente, porém, estou saciado de justiça, porque já fui absolvido pela minha consciência no tribunal dos suplícios redentores. Quanto ao Divino Mestre, infinita é a sua misericórdia e não só para comigo, porque se recebi trinta moedas, vendendo-O aos seus algozes, há muitos séculos Ele está sendo criminosamente vendido no mundo a grosso e a retalho, por todos os preços em todos os padrões do ouro amoedado...”

E Humberto de Campos responde:

- É verdade e os novos negociadores do Cristo não se enforcam depois de vendê-lo.

Depois de ouvir esse diálogo, nós temos que repetir nossa pergunta: Será que Emmanuel está sendo realmente rigoroso ao comparar os atos do homem moderno com os do antigo Judas?

Nós também não traímos Jesus quando vendemos os princípios que Ele nos ensinou e exemplificou ao preço das coisas materiais e de nossas sensações terrenas?

Não é isso que vem acontecendo na humanidade ao longo dos séculos como o próprio Judas afirmou? E Humberto de Campos ainda nos lembra que nós nem nos enforcamos após a traição. Obviamente Humberto de Campos não está nos incentivando ao suicídio. Na verdade ele quis enfatizar que a grande maioria de nós sequer demonstra arrependimento depois de trairmos a Doutrina do Cristo.

Retornando à lição, Emmanuel nos lembra que muitas vezes conquistamos uma certa paz interior, vivendo com tranquilidade em casa, no trabalho, na sociedade, conscientes da nossa condição de trabalhadores ainda muito imperfeitos mas buscando o nosso crescimento. Infelizmente, essa paz relativa conquistada por nós parece despertar em algumas pessoas a inveja e começamos a ser atacados com sugestões carregadas de malícia ou conselhos induzindo-nos à indisciplina.

A questão é que quando nós abraçamos o Espiritismo, ele promove mudanças em nós. Passamos a adotar uma postura diferente diante das adversidades da vida, nos tornamos mais compreensivos com as dificuldades alheias, vivemos com mais serenidade e tranquilidade. Mas muitas pessoas interpretam nosso comportamento como covardia ou fanatismo e elas começam a nos golpear tentando abalar nossa tranquilidade.

Na obra Jesus no Lar, ditada pelo Espírito Neio Lúcio a Francisco Cândido Xavier, há uma lição na qual Jesus nos fala exatamente sobre essa questão. É a lição de número 39 intitulada “O Poder das Trevas”. Jesus conta que numa cidade repleta de pecadores havia um homem com tamanha dedicação ao bem que começou a perturbar os Espíritos do Mal. Eles então enviaram um representante ao Gênio das Trevas para pedir conselhos de como destruir aquele homem. O Gênio das Trevas então pediu ao próprio representante que fora enviado que fizesse sugestões de como alcançar o intento. O aprendiz do mal apresentou várias ideias: que o homem fosse despojado de seus bens, que sofresse o desprezo da própria família, que seu corpo fosse tomado de feridas e doenças, que ele fosse vítima de calúnia e ódio e até mesmo que o homem fosse visitado pela morte. O Gênio das Trevas, no entanto, disse que todas essas coisas serviriam apenas para enaltecer as qualidades daquele trabalhador da seara do bem. Porém, sugeriu ao aprendiz do mal que fosse até aquele homem e dissesse que ele era um zero na Criação, um mesquinho verme desconhecido, alguém cujas obras nada significavam para o mundo e que as imperfeições de que ainda era portador eram motivo de vergonha. Assim o aprendiz fez e em pouco tempo o valoroso trabalhador interrompeu suas atividades, entregou-se ao desânimo e à humilhação e assim terminou seus dias naquela existência.

Percebem a significação dessa mensagem? Apesar de todas as nossas imperfeições, dificuldades e erros é fundamental prosseguirmos incansavelmente em nossas melhores realizações. Temos que seguir adiante fazendo o nosso melhor e vigiando sempre porque sem vigilância as sombras da inveja podem invadir nosso íntimo e destruir o clima de tranquilidade no qual nos encontramos.

**Conclusão**

Emmanuel conclui a lição advertindo-nos que nossos erros podem ter origem tanto na razão quanto nos sentimentos. A razão sem sentimentos é fria; os sentimentos sem a razão são desequilibrados. E muitas de nossas falhas decorrem justamente da incapacidade de equilibrar razão e sentimento. Porém, venham os nossos erros do cérebro ou do coração, se nós, ao tomarmos consciência de nosso equívoco, nos atrevermos a recorrer aos colaboradores de nossos atos equivocados, receberemos tão somente o desprezo e a zombaria como que a isentá-los de toda a culpa, colocando exclusivamente sob nossos ombros a responsabilidade de nossa infeliz escolha. Eles nos dirão, assim como disseram a Judas: “Que nos importa? Isso é contigo”. E nós, curvados pelo peso de nossa própria consciência, seremos obrigados a reconhecer que, de fato, isso é conosco e que em tempo oportuno teremos que nos ajustar com a Justiça Divina porque, em verdade, isso sempre foi e sempre será, entre nós e Deus.